

O SIGNO LINGUÍSTICO: “UMA IMPORTANTE QUESTÃO DE TERMINOLOGIA”

Núbia Faria*

 <https://orcid.org/0000-0003-4798-0379>

Como citar este artigo: FARIA, N. O signo linguístico: “uma importante questão de terminologia”. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2020. DOI 10.5935/1980-6914/eLETDO2013434

Submissão: maio de 2020. **Aceite:** julho de 2020.

Resumo: Este trabalho investiga o uso do termo metalinguístico *signo* no *Terceiro Curso de Linguística Geral* de Saussure, segundo os cadernos de Constantin. Discute as críticas ao conceito, as propostas de definição e a oscilação de seu uso ao longo das aulas. A análise tem como referência o plano original do curso que previa discutir o conceito geral de *língua* a partir da análise das *línguas*. Busca ainda esclarecer o contexto teórico da gramática comparada que justifica a intenção de Saussure em precisar o conceito de signo e estabelecer, a partir dele, a transição para o conceito de *valor*.

Palavras-chave: Saussure. Signo linguístico. Terminologia. *Terceiro Curso de Linguística Geral*. Valor linguístico.

* Universidade Federal de Alagoas (Ufal), Maceió, AL, Brasil. E-mail: nrbfaria@gmail.com

INTRODUÇÃO

■ **M**uito já se escreveu sobre o *signo* linguístico em Saussure. Este trabalho não tem a pretensão de retomar essa discussão oferecendo uma interpretação original, assim como também não se propõe a fazer uma sùmula das análises empreendidas sobre este conceito e seu destino na linguística moderna. Nosso objetivo é bem mais modesto: discutir o que poderia estar por trás da decisão deliberada do genebrino de manter o termo que conhecia bem, tanto do ponto de vista da filosofia quanto da linguística de seu tempo, para referir-se à unidade linguística. Como anunciou mais de uma vez, o uso desse termo geraria *ambiguidade*.

No capítulo intitulado “A natureza do signo linguístico”, que inicia a primeira parte (“Princípios gerais”) do *Curso de Linguística Geral* (doravante CLG ou *Curso*), ocorre a famosa substituição de *conceito* por *significado* e *imagem acústica* por *significante*, termos cunhados para demarcar um novo estatuto teórico para a unidade linguística. Quanto a *signo*, na sequência de apresentação da nova terminologia, constam as seguintes palavras atribuídas a Saussure: “se nos contentamos com ele, é porque não sabemos por que substituí-lo, *visto não nos sugerir a língua usual nenhum outro*” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 81, grifo nosso).

O comentário destacado acima poderia levantar uma série de questões como, por exemplo, o fato de que a nomeação dos conceitos consagrados pelo *Curso* não ficou restrita à “língua usual”, ocorrendo, inclusive, a criação de neologismos, como é o caso de “*diacronia*”, assim como dos termos propostos como faces do signo. Além disso, no parágrafo anterior àquele ao qual nos referimos destaca-se que o tratamento da unidade linguística “[...] suscita uma importante questão terminológica” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 81), o que torna o comentário aparentemente desprezioso do genebrino ainda mais improvável.

Efetivamente, a referência à ausência de um termo melhor na “língua usual” não aparece em nenhum dos cadernos dos alunos cotejados por Engler (1990) em sua edição crítica do CLG. Não nos interessa, em absoluto, questionar a fidelidade da obra organizada por Bally e Schehaye em relação ao que efetivamente disse ou quis dizer o famoso mestre, no entanto, o acréscimo desta observação é relevante pois parece ter tido por efeito, deliberado ou não, isentar Saussure de uma *intenção* ao manter uma palavra *ambígua* e usá-la fartamente nesse momento de seu curso. Mais do que isso, os termos propostos para as duas faces da unidade são derivados de *signo* e, por efeito da repetição de um mesmo radical, reforçam, no plano gráfico e sonoro, a ambiguidade aparentemente indesejada. Supõe, nos parece, uma *decisão* que, ainda que não seja propriamente teórica, foi tomada com um propósito teórico. Curiosamente, Saussure afirma buscar com a nova denominação (significado e significante) desfazer ambiguidade, apelando para nomes que se relacionam entre si e simultaneamente se opõem (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 81). Esse propósito, entretanto, não é atingido ao longo de seu ensino, ficando a cargo do próprio mestre um uso oscilante dos termos em destaque, notadamente de *signo* para designar o que corresponderia, na nova terminologia proposta, a *significante*. Minimamente, poderíamos reconhecer que, ao longo de seu ensino e em seus desdobramentos posteriores, a manutenção do termo *signo* para referir-se à unidade linguística tenha por efeito dar ao *significante* uma proeminência em relação ao *significado*. Essa proeminência poderia ser acidental e indesejada, mas suspeitamos não ser esse o caso.

Para empreender esta reflexão, vamos nos valer das anotações de Constantin do *Terceiro Curso de Linguística Geral* (doravante TCLG). É lugar comum nos estudos saussurianos o reconhecimento de que esse último curso, ocorrido em 1910-1911, é especialmente importante, tendo sido a partir dele que os editores tentaram “uma reconstituição, uma síntese” da Linguística Geral proposta por Saussure. Também é bastante reconhecida a relevância dos cadernos de Constantin, entregues à Biblioteca de Genebra em 1958, por serem bastante completos e permitirem acompanhar de forma mais clara a *sequência temporal* da discussão empreendida por Saussure. Demos um lugar de destaque à pesquisa deste caderno, conforme a edição bilingue de E. Komatsu e R. Harris (cf. SAUSSURE, 1993 [1910-1911]). A edição crítica de Engler será igualmente referida, mas, ao estabelecer a ordem dos manuscritos a partir da edição de 1916, deixa escapar o que nos parece relevante para a nossa reflexão, isto é, a grande recorrência do uso do termo *signo* no primeiro momento da segunda parte do curso, intitulada *A língua*, e o seu quase abandono no final, quando *A linguística estática* é colocada em discussão.

Em nossa reflexão, daremos destaque aos últimos cadernos de Constantin (VII-X), em que foram recolhidas, como atestam Komatsu e Harris, as declarações teóricas mais importantes a propósito de *la langue* feitas por Saussure.

SIGNO: EFEITOS DE SUA TRANSMISSÃO

Efetivamente, Saussure não estava satisfeito com a palavra *signo* para designar a unidade linguística tal qual a concebia. Milner (2008) refere-se a uma “repulsa” a esse termo. Godel (1957, p. 132) afirma ser conhecida a sua insatisfação com a inépcia da terminologia corrente, mas acrescenta que isso não o impedia de empregar esses mesmos termos rejeitados: “ele anunciou cursos de gramática comparada, de gramática histórica – expressões que julgava deploráveis”¹. Segue ainda, como que justificando o mestre, fazendo ver, através do testemunho das notas dos estudantes, que Saussure era prudente ao empregar “termos insólitos”, como *significante* e *significado*, por exemplo, e que os novos termos propostos não substituíam os antigos, mas que Saussure se servia de uns e de outros até o final (GODEL, 1957, p. 133). Nos indagamos neste trabalho se se tratava apenas de “prudência”, no caso do uso de *signo*. Parece-nos, ao contrário, ter sido uma escolha deliberada, quase provocadora.

Na introdução de sua aula do dia 2 de maio de 1911, no capítulo “Nature du signe linguistique”, quando a questão terminológica começa a se esboçar, afirma o professor:

Falar de imagens vocais <(cf. imagem acústica)> é igualmente digno de toda reserva quanto a seu emprego. É preciso saber se se quer chamar signo o total <(combinação do conceito com imagem)> ou se imagem acústica ela mesma pode ser chamada de signo <(a metade mais material)>. <É uma questão que admitimos não poder decidir> <Em todo caso se arbo é chamada signo, só o será uma vez que porta um conceito> Há aí um ponto de terminologia a resolver; seriam necessárias duas palavras diferentes. <vamos tentar evitar

1 “il a annoncé des cours de grammaire comparée, de grammaire historique – expressions qu’il juge ‘déplorables’”.

confusões que poderiam ser muito graves>. (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 75, grifo nosso)².

Algumas aulas depois, afirma a propósito da unidade linguística: “Anteriormente, adotamos simplesmente a palavra signo, que gerou confusão”³ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 93) e segue afirmando que, a despeito de qualquer precisão terminológica, quer se utilize de *signo*, *termo* ou *palavra* para se referir à *unidade total*, sempre prevalecerá a tendência ao equívoco de se considerar apenas um de seus lados.

A insatisfação do mestre com o termo, tão explicitamente enunciada, não o impede de adotá-lo, como sabemos, para designar a unidade total, não obstante o alerta de que uma confusão terminológica nesse ponto da discussão poderia ser “muito grave”. Ao contrário, parece fazê-lo sob duas alegações: 1. estar implícito (ou ser redundante) que nomear *signo* o elemento linguístico materialmente manifestado (por exemplo *arbos*) pressupõe o reconhecimento tácito e irrenunciável de que esse elemento está associado a um conceito – no CLG, os editores acrescentam “a ideia da *parte sensorial* implica a do total” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 81, grifo nosso); 2. haver uma tendência a se considerar apenas uma das partes da unidade, precisamente aquela *mais material*. A referida tendência certamente dá testemunho da proeminência da realização sensorial do fato linguístico, mas igualmente testemunha a história da transmissão do “significante *signo*” ao longo do tempo.

Ainda que muito superficialmente, convém mencionar algo a propósito da história desta transmissão para que a referida tendência ao equívoco fique mais bem situada. Faremos isso a partir de Milner (2008) e Bouquet (2003).

Milner (2008) afirma que *signo* é o *conceito primitivo*⁴ do *Curso* e alerta para o risco de se tentar muito rapidamente vincular Saussure em relação à tradição antiga do *signo*, bem conhecida do genebrino, que remonta aos gregos, passa por Santo Agostinho e chega à Lógica de Port Royal. Inicialmente, as teorias da linguagem e do signo estavam separadas. Entre os estoicos, tratava-se de uma forma de raciocínio: partindo de um perceptível, deduzir um imperceptível. Posteriormente, Santo Agostinho situa implicitamente a linguagem neste raciocínio: a linguagem torna perceptível um pensamento imperceptível. Associada ao dualismo cartesiano da alma e do corpo, esta teoria seduz Arnauld e Nicole e, graças ao sucesso da Lógica de Port Royal, daí em diante, *falar de signo é falar de linguagem*. Dessa forma, a relação de *representação* que sustenta a teoria clássica do signo é transferida para o contexto da linguagem: o signo representa o pensamento, mas o pensamento não representa o signo. Trata-se, como explica Milner, de uma relação de *representação assimétrica*.

À primeira vista, parece ser esta a posição de Saussure, entretanto, Milner (2008) alerta que o signo linguístico em Saussure o afasta radicalmente dessa perspectiva, embora o genebrino faça uso das formulações antigas para discutir

2 “Parler d’images vocales <(cf. image acoustique)> est également digne de toutes réserves quant à son emploi. Il faut savoir si l’on veut appeler signe le total <(combinaison du concept avec image)> ou bien si l’image acoustique elle-même peut être appelée signe <(la moitié plus matérielle)>. <C’est une question que nous avouons ne pouvoir trancher> <En tous cas si *arbos* est appelé signe, ce ne sera jamais que autant que portant un concept> Il y a là un point de terminologie à resoudre ; il faudrait deux mot différents. <nous tâcherons d’éviter les confusions qui pourraient être très graves>”.

3 “Précédemment nous donnions simplement le mot signe, qui laissait confusion”.

4 A discussão de Milner relativamente à epistemologia à qual se vinculava Saussure, e que justifica conceber o signo como *conceito primitivo*, pode ser acompanhada em Milner (2008) e Milner (2012).

a sua novidade: a *reciprocidade* da relação, não mais a relação entre o signo e o pensamento, mas entre as partes internas ao signo, isto é, entre o *conceito* e a *imagem acústica*, renomeados, respectivamente, *significado* e *significante*, para evidenciar a *reciprocidade* dessa relação.

O ponto destacado acima convoca outro que cumpre assinalar. Contrariamente ao que nos acostumamos a repetir de forma quase sempre irrefletida, Milner (2008, p. 21) sustenta que Saussure *não* funda a linguística moderna, uma vez que reconhece que a área está fundada com a *gramática comparada*, cujo programa é simples em seu princípio: “explicar as semelhanças constatadas entre diversas línguas pela sua relação com um protótipo comum”⁵. Para Saussure, o protótipo comum é uma *língua* e, como tal, compartilha com as línguas observáveis propriedades comuns a todas elas. A partir daí, conclui: “A linguística comparativa é, pois, somente um ramo da linguística geral, daí o nome de linguística geral que Saussure escolheu promover”⁶ (MILNER, 2008, p. 25). Segue-se a essa conclusão o que chama de “questão definitiva” sobre a qual se debruçou Saussure: “que há de ser uma língua em geral para que a gramática comparada seja possível?”⁷ (MILNER, 2008, p. 25).

Reconhecer esta relação de continuidade de Saussure com a linguística de seu tempo não é sem consequência, pois nos possibilita “escutar” as lições do mestre deslocando-nos para o contexto da linguística oitocentista e não o do século seguinte, quando seu nome circula como símbolo de uma ruptura com o passado. Assim sendo, a constatação da recorrência em seu ensino de um termo que o incomodava de maneira tão flagrante é digna de atenção. Sendo um *conceito primitivo*, não se trata, nos parece, de substituí-lo por um termo novo, mas de esmiuçá-lo de dentro do quadro teórico que o incorporou e que, pelo efeito de seu êxito empírico (sobretudo da linguística indo-europeia), criou as condições para que se fizesse dele outra coisa.

A discussão desenvolvida por Bouquet (2003) a propósito do signo na gramática comparada é produtiva e passaremos a ela a seguir⁸. O autor destaca que o termo *signo*, tomado em seu sentido fonológico, era largamente utilizado pelos comparatistas, de Bopp a Whitney, sem ser problematizado por eles. Isso, entretanto, não impediu que se operasse *uma mutação em seu conceito*, ocorrida em duas perspectivas: a da *mudança fonética* e a da *comparação morfológica* entre as línguas.

[...] até Saussure, essa mutação permanece implícita, pertencendo, podemos dizer, ao domínio da conotação do conceito comparatista de “signo” – ela permanece implícita porque o dito conceito, devido principalmente a seu valor metafísico ancestral, é utilizado pelos autores comparatistas sem ser no entanto problematizado por eles (BOUQUET, 2003, p. 128-129, grifo nosso).

Quanto à mutação do conceito de signo ocorrida na perspectiva da mudança fonética, explica o autor que a comparação entre palavras extraídas de línguas

5 “expliquer les ressemblances constatées entre diverses langues par leur relation à un prototype linguistique commun”.

6 “La linguistique comparative est donc seulement une branche de la linguistique en général; de là le nom le linguistique général que Saussure a choisi de promouvoir”.

7 “que faut-il que soit une langue en général pour que la grammaire comparée soit possible?”.

8 Vale ressaltar que não assumimos no todo a análise de Bouquet (2003) quanto à teorização saussuriana, em especial na obra sob análise. Entretanto, encontramos no autor muitas colocações que nos ajudam a situar nossa questão e com as quais concordamos. Nossas discordâncias não serão discutidas aqui por fugirem do escopo deste trabalho.

de uma origem comum atesta, no plano lexicológico, “o fenômeno das evoluções fonológicas regulares separadas do plano semântico: há aí, segundo a fórmula de Michel Foucault, um ‘deslocamento da palavra para fora das funções representativas’” (BOUQUET, 2003, p. 129). Em suma, a forma das palavras de uma língua presta-se a um tipo de investigação linguística que prescinde de sua significação. Como esclarece Milner (2012), são comparadas propriedades indiferentes ao que as referidas formas comunicam ou designam.

Quanto à mutação do conceito de signo atrelada à segunda perspectiva, a morfológica, Bouquet (2003, p. 129) afirma que a Gramática Comparada revela que unidades como desinências e afixos, que não são palavras, possuem “uma face fonológica e uma face semântica”. A possibilidade de comparar esse tipo de unidades em todas as línguas evidencia o que o autor chama de “deslocamento da gramática para fora de sua contingência idiomática”, revelando “a especificidade do fato morfossintático no seio do fato linguístico”.

Retomando Foucault (2007 [1966]), mencionado por Bouquet (2003), é interessante insistir em sua análise do que chama de *alteração irreparável na concepção de saber ocorrida em fins do século XVIII*, quando é dado destaque às profundas modificações ocorridas no domínio da linguagem⁹ e que passarão despercebidas, à margem de nossa consciência histórica e, num certo sentido, à margem da consciência daqueles que a promoveram.

Se a palavra pode figurar num discurso [...], não será por virtude de uma discursividade imediata que ela deteria propriamente [...], mas porque na sua forma mesma, nas sonoridades que a compõem, nas mudanças que sofre segundo a função gramatical que ocupa, nas modificações enfim a que se acha sujeita através do tempo, obedece a certo número de leis estritas que regem de maneira semelhante todos os outros elementos da mesma língua; de sorte que a palavra só está vinculada a uma representação, na medida em que primeiramente faz parte da organização gramatical pela qual a língua define e assegura sua coerência própria. Para que a palavra possa dizer o que ela diz, é preciso que pertença a uma totalidade gramatical que, em relação a ela, é primeira, fundamental e determinante (FOUCAULT, 2007 [1966], p. 387).

A relação de representação palavra-mundo, palavra-pensamento é, portanto, segundo a análise de Foucault, uma possibilidade decorrente de sua sujeição “a certo número de leis estritas que regem de maneira semelhante todos os outros elementos da mesma língua”. O *signo linguístico comparatista*, portanto, já sofreu a “alteração irreparável” de remeter primeiramente a um interior que se abre à linguagem. Enfim, o que Bouquet chama de “conotação do conceito comparatista de signo”, o que não implica dizer que os linguistas tivessem clareza dessa alteração. Vem ainda de Foucault (2007 [1966], p. 389) o alerta sobre as dificuldades de uma cultura para “[...] tomar consciência, de modo temático e positivo, de que sua linguagem cessa de ser transparente às suas representações para espessar-se e receber um peso próprio”. Como destacaremos adiante, os editores do *Curso* não são imunes a essa dificuldade, precisamente na tentativa de *ilustrar* o que Saussure desvelou sobre o signo linguístico.

⁹ Em sua análise, Foucault (2007 [1966]) refere-se igualmente à alteração irreparável na concepção de *vida* e de *trabalho*, o que chama de “novas empiricidades”.

Na mesma linha do que esclarece Foucault, Bouquet (2003, p. 84) afirma que o comparatismo criou um *objeto inédito* que não se tornou imediatamente evidente: “[...] a entidade *palavra* e a classe *língua*, que subsume essa entidade, como realidades estritamente fonológicas, às quais dá corpo sua inscrição na História”. Caberá a Saussure, defende Bouquet, desenvolver uma *epistemologia do comparatismo* fazendo a síntese de conceitos metodológicos esparsos. Em seus escritos e em seus cursos, o genebrino deixa claro que o novo objeto científico criado pela linguística de seu tempo “[...] não era classificado nem no espírito dos linguistas nem no espírito dos filósofos” (SAUSSURE *apud* BOUQUET, 2003, p. 90).

Nesse sentido, argumentamos que a decisão de manter o termo *signo* com toda a sua carga de ambiguidade tem para Saussure uma função teórica, para além de *prudência* na introdução de sua terminologia, como propõe Godel. A “provocação” a que aludimos anteriormente nos faz pensar na circunstância didática a que a discussão esteve submetida. Parece-nos tratar da exposição teórica dos atributos implícitos de um conceito central, porém não classificado, para que, partindo dele, o salto epistemológico pretendido pelo mestre pudesse ser efetivo: a virada da noção de *signo* para a de *valor* na caracterização do sistema da língua.

O SIGNO LINGUÍSTICO NO III CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL

Godel (1957) explica que a “Linguística saussuriana” não é um “todo acabado” e que nenhum dos três cursos nos apresenta uma exposição integral. No terceiro curso, entretanto, no qual Saussure traçou um plano para abordar de frente a linguística estática, esse estado de incompletude é particularmente evidente. O plano a que se refere foi anunciado em novembro de 1910. Depois de desenvolver em sua primeira aula (em 28 de outubro) o que chama de “capítulo de introdução”, em que repassa “uma breve história da linguística”, Saussure apresenta, no encontro seguinte, a proposta geral de seu curso, dividindo-o em três partes: 1. as línguas; 2. a língua; e 3. faculdade e exercício da linguagem nos indivíduos. Esse plano, entretanto, nunca foi completado. Apenas as duas primeiras partes foram desenvolvidas. Serão também essas que merecerão uma explicação quanto à sua função neste ensino:

As línguas, é este o objeto que se oferece sobre a face do globo ao linguista; a língua, este é o título que podemos dar ao que o linguista saberá extrair de geral do conjunto de suas observações através do tempo e através do espaço¹⁰ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 11, grifo nosso).

Será na parte dedicada à *língua*, que corresponde aos cadernos VII-X de Constantin, que nos deteremos a examinar o uso do termo *signo*. As anotações dessa parte do curso são relativas a 18 aulas que ocorreram entre os dias 25 de abril e 4 de julho de 1911.

Sob o título “La langue”, encontramos a discussão de partes distintas do que comparece na divisão do CLG. Não nos interessa, especificamente, estabelecer um paralelo entre o terceiro curso e o CLG, mas pontuar algumas diferenças

10 “Les langues, c’est l’objet qui s’offre sur la surface du globe au linguiste; la langue, c’est le titre qu’on peut donner à ce que le linguiste aura su tirer de général de l’ensemble des ses observations à travers le temps et à travers l’espace”.

entre os dois trabalhos faz sentido para nós. Os dois grandes blocos estabelecidos por Saussure, aos quais se refere como sendo “capítulos”, não existem no CLG. Dessa forma, alguns tópicos relativos à discussão sobre *as línguas* são desmembrados entre as diferentes partes do CLG¹¹. Sem ser exaustivos, destacamos: a longa discussão sobre a diversidade das línguas encontra-se na quarta parte, “Linguística Geográfica”; as considerações sobre língua e escrita estão reunidas na “Introdução”; as observações sobre o fonema aparecem no “Apêndice Princípios de Fonologia”. A parte dedicada à *língua*, por sua vez, será reunida na “Introdução”, na primeira parte (“Princípios Gerais”) e na segunda parte (“Linguística Sincrônica”), o que corresponde às partes majoritariamente lidas e citadas do CLG desde a sua publicação.

Esse rearranjo tem por consequência a perda da sequência argumentativa que parte da diversidade das línguas, que se oferece à análise do linguista, com vistas à construção de uma generalização sob o rótulo *língua*. Há em torno de *signo* um contexto teórico que precisa ser esclarecido a partir da linguística comparatista. Perdê-la de vista não é irrelevante.

Antes de prosseguir, destacamos que não haverá de nossa parte qualquer esforço por discorrer sobre as definições ou princípios relativos ao que se convencionou chamar de “signo linguístico saussuriano”, como faz brilhantemente Milner, de cuja análise nos servimos como referência para a nossa leitura. Mais uma vez, trata-se de escrutinar o que a insistência no uso do *significante signo* nos tem a dizer.

O signo linguístico como ponto de partida

Após discutir a separação entre língua e linguagem, Saussure destaca a *língua* para discuti-la no plano individual (no chamado circuito da fala) e no plano social (como liame entre os falantes). Refere-se a *conceito verbal e imagem verbal*, afirma serem ambos puramente mentais e declara que a língua tem por sede o cérebro. Na sequência quase imediata utiliza-se de *signo* para definir a linguística: “Finalmente a linguística pode perfeitamente ser a ciência dos signos”¹² (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 67, grifo nosso).

A separação entre língua e fala acontece no encontro seguinte. Uma vez delimitada, a língua pode ser reconhecida como “um sistema de signos no qual as duas partes do signo são psíquicas”¹³ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 71). Não demora muito para que *signo* reapareça em duas novas definições de língua: “É um sistema de signos que repousa sobre imagens acústicas” e, logo abaixo, “Associação de uma ideia com um signo, é isso que faz a essência da língua”¹⁴ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 71). São muito evidentes os deslizamentos no uso do termo *signo* (ora composto de duas partes, em seguida, um dos elementos de uma associação), assim como de *língua* (de sistema de signos, tem sua essência definida como a associação do signo com a ideia).

Na aula seguinte (2 de maio), intitulada “Capítulo II: Natureza do signo linguístico”, Saussure apresenta seu clássico esquema: um círculo dividido ao meio,

11 Tomamos a edição crítica de Engler como referência para essa redistribuição dos tópicos da primeira parte do TCLG.

12 “*Finallement la linguistique peut bien n’être que la science des signes*”.

13 “*un système de signes où les deux parties du signe sont du reste psychiques*”.

14 “*C’est un système de signes reposant sur des images acoustiques. É un sistema de signos que repousa sobre imagens acústicas*” “*Association d’une idée avec un signe, c’est ce qui fait l’essence de la langue*”.

o conceito na parte superior e a imagem acústica na inferior. Didaticamente, partindo da concepção de língua como nomenclatura, estabelece a separação entre o *objeto*, externo ao sujeito, e o *nome*. Em seguida, desloca o *nome* desta relação para tratá-lo por *signo*: primeiramente, separando-o do elemento externo à língua; posteriormente, dividindo-o em um termo “mais material” (*arbos*) e outro “mais psíquico” (*arbre*), ambos, porém, declaradamente *psíquicos*. *Arbos*, que na reflexão precedente corresponde a *nome*, isto é, à *palavra proferida*, é situada na parte inferior do esquema desenhado, ao lado de *imagem acústica*.

A discussão gira em torno de se o termo signo corresponde ao total ou a uma parte da unidade linguística. Ocorre, nessa aula, a afirmação que citamos anteriormente em que o professor, refletindo em meio a seu ensino, faz ver que, ainda que restrito à sua porção mais material, signo pressupõe o reconhecimento tácito de haver ali uma significação associada: “se *arbos* é chamada de signo, só o será por portar um conceito” (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 75).

Essa conclusão, dirigida a *linguistas* que adotam *signo* como termo metalinguístico, nos faz recordar da já muito referida preocupação do mestre em “mostrar ao linguista o que ele faz”¹⁵. O signo tem sua natureza complexa desvelada: a possibilidade de a área lidar com a comparação de formas não se faz sem a pressuposição de haver ali uma unidade significativa que as torna, precisamente, *linguísticas*. Dizer das faces do signo é redundante, porém didaticamente necessário.

De Mauro (1982) observa que não corresponde às fontes manuscritas o que aparece no *Curso*, isto é, no CLG há dois esquemas colocados lado a lado: um em que figuram *arbre* e *arbos* e o outro, introduzido pelos editores, em que o elemento mais psíquico é representado pelo desenho de uma árvore. Chama ainda a atenção para a inclusão das setas nos esquemas, assim como o emprego de “palavra” para designar *arbor*: “esse termo designa geralmente a imagem acústica apenas, por exemplo uma *palavra* (*arbor* etc.)” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 81). Os acréscimos, argumenta, dão ao leitor do CLG a impressão de que para Saussure o significante é vocal e o significado a ideia de uma coisa e conclui afirmando que esta é uma das passagens que revelam “as *consequências mais graves* das intervenções aparentemente modestas dos editores”¹⁶ (DE MAURO, 1982, p. 441, grifo nosso). Trata-se, certamente, de um equívoco anunciado pelo próprio mestre que, nesse caso, extrapola a menção à parte “mais material” do signo para fixar-se na palavra proferida e na coisa representada. O *significante signo*, enfim, arrasta consigo “seu valor metafísico ancestral”, como diz Bouquet (2003), e é assim utilizado pelos linguistas responsáveis pela edição, indiferentes não só às aulas compiladas, como à “mutação” desse conceito operada pela área a que pertencem.

Na sequência, Saussure estabelece o que chama de *princípios ou verdades primárias*. O primeiro: o signo linguístico é arbitrário. “O vínculo que conecta uma imagem acústica dada a um conceito específico, conferindo-lhe seu *valor de signo* é um vínculo radicalmente arbitrário”¹⁷ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 76, grifo nosso). Embora a redação dê margem à ambiguidade quanto ao

15 Expressão retirada da carta, dirigida ao colega Antoine Meillet, em que afirma sua profunda insatisfação com a terminologia da área (GODEL, 1957, p. 31).

16 “[...] *les conséquences assez graves des interventions apparemment modestes des éditeurs*”.

17 “*Le lien qui relie une image acoustique donnée avec un concept déterminé et qui lui confère sa valeur de signe est un lien radicalement arbitraire*”.

referente do pronome *lhe* (*lui* no original), o paralelo entre o *signo linguístico* é arbitrário e um *vínculo radicalmente arbitrário* nos leva a concluir que ao vínculo arbitrário, entre a imagem acústica e o conceito, é conferido o *valor de signo*. *Signo* é, portanto, o *produto de uma operação* e nunca uma matéria.

O segundo princípio, formulado de maneira menos elegante, é: “O signo linguístico (imagem que serve ao signo) possui uma extensão e essa extensão se desenvolve em uma única direção”¹⁸. Embora *signo* aqui restrinja-se à “imagem”, a uma das partes mencionadas no princípio anterior, Saussure insiste em mantê-lo para fazer referência à sua *forma de apresentação*: ele é uma *extensão*. Essa definição de *signo* pode perfeitamente ser reconhecida no “signo comparatista”, no sentido de, sendo uma extensão, permitir à área estabelecer a comparação entre línguas distintas, o que conduziu ao reconhecido êxito empírico da linguística indo-europeia.

O primeiro princípio remete ao que o professor mencionou anteriormente na referência a *arbos*: chamar de signo pressupõe uma operação intelectual, ainda que não explicitada, de reconhecimento de que esta forma porta um conceito. Voltando à formulação ambígua desse mesmo princípio, poderíamos supor que, pela relação de reciprocidade de que tratou Milner, a conexão de um conceito à imagem acústica confere a ela, assim como ao conceito, o *valor de signo*. De certa maneira, o título dessa aula parece remeter à discussão da “natureza do signo *comparatista*”, uma certa provocação à linguística de seu tempo.

Entidades e signos

Antes de passar ao tema do capítulo seguinte (dia 5 de maio), cujo título é “Quais são as entidades concretas de que se compõe a língua?”, Saussure (1993 [1910-1911], p. 78) quer reparar uma *omissão*.

*Sendo essa nossa noção da língua, é claro que ela nos é representada pela série de diversas línguas. Nós só podemos apreendê-la a partir de uma língua determinada qualquer. A língua, esta palavra no singular, como se justifica? Entendemos por ela uma generalização, o que se tornará verdadeiro para toda língua determinada, sem ser necessário precisá-la. Não é preciso que se creia que esse termo geral a língua corresponda à linguagem*¹⁹.

O elo entre a primeira parte do terceiro curso e a que se inicia é enfatizado e a intenção de se dirigir à formulação de um conceito geral de *língua* a partir das *línguas* é novamente exposto.

Saussure se detém agora a considerar quais seriam as *entidades concretas* e sua forma de delimitação “no seio da massa que forma a língua”²⁰ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 78). O termo *signo*, embora surja nesse momento, não assumirá o protagonismo na discussão, nem será citado como um conceito já definido para nomear as ditas *entidades linguísticas*. O termo *entidade* merecerá de Saussure uma consideração a partir de sua definição dicionarizada: “essência,

18 “Le signe linguistique (image servant au signe) possède une étendue et cette étendue se déroule dans une seule dimension”.

19 “Telle étant notre notion de la langue, il est clair qu’elle ne nous est représentée que par la série des diverses langues. Nous ne pouvons la saisir que sur une langue déterminée quelconque. La langue, ce mot au singulier, comment se justifie-t-il ? Nous entendons par là une généralisation, ce qui se trouvera vrai pour toute langue déterminée, sans être obligé de préciser. Il ne faut pas croire que ce terme général la langue équivaudra à langage”.

20 “[...] les entités au sein de la masse que forme la langue”.

o que constitui um ser”²¹ (p. 78). A nomeação deste “ser” se mostra necessária e o professor procura outra palavra, pois *entidade* remete à ideia de “um ser que se apresenta”, o que nunca ocorre na língua. “Na língua, tomada face a face, *sem intermediários*, não há unidades nem entidades dadas [...] Não estamos diante de seres organizados ou coisas materiais”²² (p. 78, grifo nosso).

A discussão gira em torno da metodologia de *delimitação de unidades partindo da realidade empírica de uma língua qualquer*, cuja instância de fala será convocada como “uma evidência da língua”²³ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 80). Essa discussão ensejará considerações importantes sobre a *materialidade* da língua, pois a língua não é composta de *coisas materiais*: “delimitá-las [entidades linguísticas] é uma operação não puramente material mas necessária ou possível porque há um elemento material”²⁴ (p. 80), “Toda unidade comportará um segmento de sonoridade ligado indissolivelmente a um conceito sem o qual não se poderá delimitar o segmento”²⁵ (p. 81).

Saussure mencionará ao longo de suas considerações que “uma língua desconhecida não é *lingüística* para nós” e conclui: assim sendo, “pode-se dizer que a palavra material é uma abstração do ponto de vista linguístico. Como objeto concreto, ela não faz parte da linguística”²⁶ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 79). Ao longo desse trecho de sua aula, *signo* aparecerá três vezes, sempre na forma composta “signo linguístico”, referido como unidade complexa e tomado como uma espécie de referência no processo de abstração que torna “lingüística” a *entidade empiricamente delimitada*, nunca coincidindo diretamente com ela.

O elo estabelecido na abertura da aula entre as línguas e a língua é importante de ser considerado na medida em que a materialidade linguística, que necessariamente se apresenta na diversidade das línguas, demanda uma operação de abstração para que seja incorporada à *língua*. *Signo linguístico* parece cumprir aqui o papel de *unidade geral abstrata* que se apresenta como derivada do processo de demarcação empírica das chamadas entidades. Entretanto, como constatamos, a expressão desliza e, por força da história de sua transmissão, parece sempre evocar a saliência de sua parte “mais material” como idêntica a si mesma, sendo recorrente o adendo de que ao signo necessariamente se associa um conceito, possivelmente o “intermediário” a que se referiu Saussure.

Avançando um pouco na temática deste curso, Saussure aborda o caso das *entidades abstratas*, entidades reais, mas às quais o adjetivo “concretas” não se aplica. São apresentados exemplos tirados de línguas distintas como a *ordem das unidades* numa frase em francês – *je dois e dois-je* – assim como a diferentes desinências para a mesma marcação morfológica de caso no latim – os três genitivos *domini, regis regum*. A intenção do professor nesse momento é chamar a atenção para a *ausência de qualquer suporte material* direto que garanta a associação de uma ideia, no entanto, como negar essa associação? “Podemos

21 “essence, ce qui constitue un être”.

22 “Dans la langue prise face à face, sans intermédiaires, il n’y a ni unités ni entités données. [...] Nous ne sommes pas en face d’êtres organisés ou de choses matérielles”.

23 “un document de langue”.

24 “les délimiter est une opération non purement matérielle mais nécessaire ou possible parce qu’il y a un élément matériel”.

25 “Toute unité comportera une tranche dans la sonorité liée indissolublement à un concept sans lequel on ne peut pas délimiter la tranche”.

26 “on peut dire que le mot matériel, c’est une abstraction au point de vue linguistique. Comme objet concret, il ne fait pas partie de la linguistique”.

ignorar o poder presente no sujeito falante do valor do genitivo?²⁷ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 84).

Em seguida, esclarece: “Sem uma base qualquer, não há procedimento concebível. <O estudo das entidades concretas deverá sempre preceder>. Tudo repousará finalmente sobre essas unidades como base direta ou indireta”²⁸ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 84). Certamente incomodado com o sentido de abstrato implicado na expressão empregada, explica: “Reservamos o termo concreto: o caso em que a ideia se apoia diretamente em uma unidade sonora. Abstrato: apoiada indiretamente por uma operação dos sujeitos falantes”²⁹ (p. 85)

No CLG, o tópico relativo às *entidades concretas da língua* será deslocado para a parte consagrada à Linguística Sincrônica, com o seguinte parágrafo de abertura: “Os signos de que a língua se compõe não são abstrações, mas objetos reais [...]; é deles e de suas relações que a Linguística se ocupa; podem ser chamados *entidades concretas* desta ciência” (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 119). É interessante observar o deslocamento e o acréscimo dos editores, que fazem a correspondência direta de *signos* com *entidades concretas* da língua, nos capítulos de abertura da parte do CLG que trará o *valor linguístico* como conceito privilegiado. A passagem que discute as unidades abstratas foi incluída no último capítulo (VIII) dessa mesma parte (Linguística Sincrônica), renomeada de *Papel das entidades abstratas em gramática*. Novamente, a referência ao CLG se destina a sublinhar questões relacionadas ao termo *signo* e seu aspecto “mais material” como sendo determinante na decisão editorial.

Reverendo o signo linguístico: um momento de transição

A aula de 19 de maio se inicia com a proposta de revisão de tudo o que foi discutido na primeira parte do curso com destaque para o tratamento dado ao *signo linguístico*: “O segundo capítulo poderia antes ter por título ‘A língua como sistema de signos’ (Isso indicaria a *transição*)”³⁰ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 92). Como destacam Godel e De Mauro, essa recomendação foi ignorada pelos editores do CLG, que mantiveram *Natureza do signo linguístico*, apesar de o caderno de Dégallier, utilizado por eles, trazer explicitamente essa observação, assim como ocorre com o caderno de Constantin (SAUSSURE, 1989 [1916], p. 147).

Os princípios fundamentais do signo são reafirmados e uma precisão terminológica ocorre com a introdução do par *significante* e *significado*. Como justificativa, Saussure afirma que, *do interior de um sistema de signos* (a língua), o vínculo do significante com o significado é radicalmente arbitrário.

Estabelecer o arbitrário como uma relação interna à língua, concebida como sistema, parece ser uma reação do professor às miragens da matéria e, novamente, a questão da ambiguidade do termo *signo* é mencionada: “muito difícil haver uma palavra que designe sem equívoco associação: significado – significante (escritos no esquema circular)”³¹ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 93).

27 “Peut-on méconnaître la puissance présent au sujet parlant, de la valeur du génitif?”.

28 “Sans une base quelconque, il n’y a pas de procédé imaginable. <L’étude des entités concrètes devra toujours précéder>. Tout reposera finalement sur ces unités-là comme base direct ou indirect”.

29 “Nous avons réservé le terme de concret : le cas où l’idée a directement son appui dans une unité sonore. Abstrait: ayant indirectement son appui par une opération des sujets parlants”.

30 “Le deuxième chapitre dans son titre pourrait d’abord porter : “La langue comme système de signes” (Cela indiquerait la transition)”.

31 “très difficile d’avoir un mot qui designe sans équivoque association: signifié – signifiant”.

Insistir na definição de língua como sistema de signos assegura a possibilidade de reconhecer a arbitrariedade como relação interna e *recíproca* entre significante e significado e descartar a relação *assimétrica* entre signo e pensamento³², que sustenta a noção clássica de representação. Por outro lado, optar por manter no radical dos novos termos propostos a remissão a signo, termo reconhecidamente ambíguo, não parece casual.

O tema da *mutabilidade e imutabilidade* do signo será desenvolvido na sequência. Trata-se de uma questão central no contexto da linguística oitocentista, que elegeu a *mudança* como fenômeno a ser investigado. A breve história da área feita no início do terceiro curso menciona as bizarrices produzidas na primeira metade do século XIX para explicar uma série de impasses revelados pela comparação e história das línguas, dentre eles, o fato de a língua não se submeter à livre vontade dos falantes; recorrer às forças da natureza parecia um caminho seguro e científico de explicação. O estabelecimento da língua como liame social e a relação arbitrária entre significante e significado assumidos por Saussure exige o enfrentamento da mesma questão: se a língua é produto de um acordo entre os falantes, se o vínculo que une as partes do signo é arbitrário, por que, então, o falante *não tem consciência da mudança e a ela se submete* passivamente?

Das muitas considerações feitas ao longo de duas aulas a propósito deste tema, certamente a que invoca o “fator tempo” é a mais relevante por permitir que ocorra a *transição* que anunciou Saussure em sua recapitulação das aulas anteriores.

A primeira consideração apresentada à imposição da língua sobre o falante (comparada ao fenômeno da “carta forçada”) foi o reconhecimento de que em qualquer momento que a consideremos, a língua é sempre *herança* de um momento precedente. “Trata-se de um equilíbrio entre fatos <fatores> históricos e sociais”³³ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 95).

Saussure se utiliza de dois esquemas que ficaram igualmente famosos. No primeiro deles, a *língua* aparece representada por um círculo que se une por um eixo a um retângulo, colocado abaixo, dentro do qual se lê *massa falante*. No outro esquema, essa mesma disposição se repete, mas foi acrescida uma seta apontando para baixo para representar o *tempo* (cf. SAUSSURE, 2006 [1916], p. 92, 93). “De fato a língua é <todo o tempo> solidária do passado, é isso que lhe tira a liberdade, e ela não o seria se não fosse social. Mas é preciso acrescentar a consideração do tempo, a transmissão de geração em geração”³⁴ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 97).

Saussure insiste sobre o caráter social da língua e o fato de ela ser sempre solidária do passado. Se a passagem do tempo acarreta mudança, como bem conhece a gramática comparada, um determinado estado de língua coloca em evidência a *transmissão da língua*, que cerceia toda mudança voluntária.

A força do tempo vem colocar em xeque a cada instante a força que chamamos arbitrário <livre escolha>. Por que dizemos homem, cachorro? Porque antes de nós dizia-se homem, cachorro. [...] essa não liberdade dos signos repousa sobre

32 Relações recíproca e assimétrica, nos termos propostos por Milner (2008) discutidos anteriormente.

33 “Il s’agit d’une balance entre les faits <facteurs> historiques et sociaux”.

34 “En effet la langue est <tout le temps> solidaire du passé, c’est ce qui lui ôte sa liberté, et elle ne le serait pas, si elle n’était pas sociale. Mais il faut ajouter la considération de temps, la transmission de génération en génération”.

*a continuidade do fator tempo na língua, sobre a continuidade do signo através das gerações*³⁵ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 97).

Quando a consideração do fator tempo entra em questão, o uso do termo *signo* claramente remete a *significante*, o que se evidencia como herança do passado é sua parte mais material que atravessa as gerações. Sobre essa parte serão comparadas propriedades indiferentes ao que as referidas formas comunicam ou designam, como comentamos anteriormente. Supor haver uma significação, como demonstrou Saussure, é uma operação necessária para a própria identificação de se tratar de uma unidade linguística, quer se tenha ou não consciência dessa operação. Depois disso, como afirma Foucault, somente se sobressai “a forma mesma da palavra”.

Saussure nesse momento se deterá em afirmar que, sejam quais forem os diferentes fatores de alteração, por mais distinta que seja a sua natureza, importa antes de tudo destacar que se trata de um deslocamento da relação significante – significado, do qual qualquer língua é impotente para se defender.

No final desta aula, surge uma anotação interessante de comentar. “Como o significante é arbitrário por natureza, tomar a língua assim definida [...]”³⁶ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 101). Desta feita, Saussure se utiliza de *significante* no lugar de *signo* – não o inverso, como vinha ocorrendo – e define língua a partir do significante. Considerando a proposta de renomeação do segundo capítulo – “A língua é um sistema de signos” em vez de “Natureza do signo linguístico” –, talvez não seja descabido reconhecer, nesse aparente deslize, ser a generalização proposta nesta altura do curso relativa ao *objeto* de que se ocupa a linguística comparatista. Se nos pareceu que a natureza do signo posta em questão era a do “signo comparatista”, desse mesmo ponto de vista, a língua nada mais é que “*um sistema de significantes*”. O que mais poderia ser o *protótipo comum* reconstruído a partir das línguas analisadas pela área? Um *sistema* – pois como assumimos com Milner, para Saussure, o protótipo comum é uma *língua* e, como tal, compartilha com as línguas observáveis propriedades comuns a todas elas – *de significantes* – é somente essa porção do signo que o tempo carrega e se presta à escrita formal de suas propriedades, como fará a gramática comparada. Mas chegar ao protótipo não é ainda atingir a *língua*.

O VALOR LINGÜÍSTICO: UM PONTO DE VIRADA E O ENCERRAMENTO DE UM ENSINO

Faremos da discussão das últimas dez aulas do terceiro curso, que marcam o encerramento de um ensino memorável, o encaminhamento da conclusão de nossa reflexão, ainda incipiente.

A aula de 2 de junho tem por título “A linguística estática e a linguística histórica. Dualidade da linguística”. Essa discussão é a sequência direta do capítulo anterior que tratou da tensão entre mutabilidade e imutabilidade do signo. Saussure então manifesta a sua hesitação quanto ao momento de introduzir a noção de tempo e suas consequências para o estudo linguístico.

35 “La puissance temps vient mettre en échec à chaque instant la puissance qu’on peut appeler arbitraire <libre choix>. Pourquoi disons-nous, homme, chien ? Parce qu’on a dit avant nous homme, chien. [...] cette non liberté des signes repose sur la continuité du facteur temps dans la langue, sur la continuité du signe à travers générations”.

36 “Comme le signifiant est de sa nature arbitraire, prenant la langue ainsi définie, il semble que rien n’empêche de la prendre comme un système libre”.

Outra vez, *signo* cede seu protagonismo a um novo conceito, desta feita, *valor*. O index presente na edição do terceiro curso com a qual estamos trabalhando nos faz constatar que, a partir deste momento até o final das aulas, ocorre uma diminuição flagrante do uso de *signo* e a recorrência mais consistente do termo *valor*.

Valor será definido como sinônimo de *contemporaneidade*. As consequências para o estudo linguístico não tardam em ser explicitadas: “É preciso separar em duas a linguística. Há uma dualidade irremediável, criada pela mesma natureza das coisas <quando se trata> de sistemas de valores”³⁷ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 104). O neologismo *diacronia* é introduzido e compõe com *sincronia* um novo par conceitual. O princípio da arbitrariedade do signo é então reformulado: “dentro da associação que constitui o signo, não há nada além de dois valores”³⁸ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 103).

Saussure retomará a menção à gramática comparada feita em suas primeiras aulas para defini-la como *lingüística histórica*, “pois não faz outra coisa que extrair dos termos comparados a hipótese de um tipo precedente. Considera-se quais foram as alterações até as últimas formas possíveis”³⁹ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 105). Em seguida, numa clara atitude de provocação, afirma:

[...] se a linguística que se desenvolveu depois de Bopp não representa nada além de um ponto de vista histórico sobre a língua, um ponto de vista confuso e mal definido, <o que representa o trabalho dos linguistas anteriores (gramática francesa, gramática latina)>?.

E responde “Ela representa um ponto de vista científico inteiramente irretocável do ponto de vista que nos ocupa”⁴⁰ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 105).

Pouco depois, assumindo, ao que parece, uma postura “mais contida”, reconhece ser necessário “retornar ao ponto de vista estático, mas fazê-lo de um ponto de vista renovado. Esta será uma das utilidades do estudo histórico, haver permitido compreender o que seria um estado”⁴¹ (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 106, grifo nosso).

Não nos deteremos a esmiuçar este momento do curso, mas tirar dele algumas considerações preliminares à guisa de conclusão de nossa discussão neste trabalho. Como dissemos, *signo* perde seu lugar de conceito privilegiado para que *valor* surja de forma cada vez mais especificada e teoricamente produtiva. A referência provocadora à gramática comparada, de certa forma, prenuncia essa substituição ou ao menos a evitação de um *significante* impregnado de ambiguidades que denunciam os efeitos de sua transmissão, ao longo dos séculos, e a falta de reflexão epistemológica da linguística de então. A definição de *língua* a ser estudada no próximo capítulo é reformulada drasticamente: “um sistema de valores”. O capítulo referido terá por título “Linguística Estática” e corresponderá

37 “Il faut séparer en deux la linguistique. Il y a une dualité irrémédiable, créée par la nature même des choses <quand il s'agit> de systèmes de valeurs”.

38 “dans l'association constituant le signe, il n'y a <rien> que deux valeurs”.

39 “puisqu'on ne fait qu'extraire des termes comparés l'hypothèse d'un type précédent. On considère quelles ont été des altérations jusqu'aux dernières formes saisissables”.

40 “si la linguistique que s'est développée depuis Bopp ne représente qu'un point de vue historique sur la langue, un point de vue mêlé et mal défini, <(que représente le travail des linguistes antérieurs (grammaire française, grammaire latine)> ?” “Elle représente un point de vue scientifique entièrement irréprochable au point du vue qui nous occupe”.

41 “revenir au point de vue statique mais y revenir avec un point de vue renouvelé. Ce sera une des utilités de l'étude historique d'avoir fait comprendre c'est qu'était un état”.

às quatro últimas aulas do mestre. Antes de iniciar seu capítulo final, Saussure afirma que, tendo chegado à bifurcação, entre a linguística estática e a linguística dinâmica, ele opta por perseguir a *linguística estática* e na aula seguinte justifica sua escolha: “A linguística estática pode reivindicar muitas coisas incluídas na *linguística geral*”⁴² (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 125, grifo nosso).

Podemos reconhecer aqui o momento em que Saussure se propõe a enfrentar a questão que Milner chama de *decisiva*: “o que deve ser uma língua em geral para que a gramática comparada seja possível?”. Responder a essa questão exige que o signo seja retirado de foco e, de certa forma, será. O uso insistente de *termo* ou mesmo *palavra* nesses momentos finais do terceiro curso é evidente. Se *signo* ronda a segunda parte do CLG, dedicada à Linguística Sincrônica, como vimos, deve-se a uma certa “inadvertência” dos editores às peças pregadas pelas “miragens” suscitadas pela *matéria*, às quais o mestre também não esteve completamente imune. Não só a oscilação terminológica ao longo de seu ensino, como também a insistência em manter *signo* como radical dos termos propostos (*significante* e *significado*) para resolver a tão indesejada ambiguidade, dão pistas desse “fascínio”.

Recorremos novamente a Milner (2008, p. 46) quando afirma: “Saussure parte do signo para abandoná-lo, mas não pode fazê-lo pois o colocou no ponto de partida”⁴³. Efetivamente, como afirmou o próprio mestre, foram as descobertas da gramática comparada que possibilitaram a compreensão do que é um *estado de língua*, a partir do qual o conceito de *valor* poderá ser invocado. Se sua *transição* não pode ser exatamente completada com a introdução de sua “novidade” mais famosa, ainda assim sua tentativa “segue sendo surpreendente e admirável”⁴⁴, como, mais uma vez, nos diz Milner (2008, p. 49).

THE LINGUISTIC SIGN: “AN IMPORTANT QUESTION OF TERMINOLOGY”

Abstract: This work investigates the use of the term *sign* in Saussure’s *Third Course of Lectures on General Linguistics*, according to Constantin’s notebooks. It discusses the criticisms of the concept, the proposals of its definition and the oscillation of its use in the classes. The analysis refers to the original course’s plan which was discussing the general concept of *la langue* based on the analysis of *les langues*. It also seeks to clarify the theoretical context of comparative grammar, which justifies Saussure’s intention to specify the concept of *sign* and establish, from it, the transition to the concept of *value*.

Keywords: Saussure. Linguistic sign. Terminology. *Third Course in General Linguistics*. Linguistic value.

REFERÊNCIAS

- BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2003.
 DE MAURO, T. Notes biographiques et critiques sur F. de Saussure. In: SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique Générale*. Ed. Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1982.

42 “La linguistique statique peut réclamer bien des choses qu’on range dans linguistique générale”.

43 “Saussure part du signe pour le quitter, mais il ne peut le quitter que parce qu’il a mis le signe au point de départ”.

44 “la tentative de Saussure demeure surprenante et admirable”.

- ENGLER, R. Avant-propos. In: SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique par Rudolf Engler. Tome 2: Appendice. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1990. p. IX.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1966].
- GODEL, R. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*. 2e tirage. Genebra: Librairie Droz, 1957.
- MILNER, J.-C. *Le périple structural, figures et paradigme*. Paris: Seuil, 2008.
- MILNER, J.-C. *O amor da língua*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique Générale*. Ed. Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1982 [1916].
- SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique par Rudolf Engler. Tome 1. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1989 [1916].
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].
- SAUSSURE, F. de. *Troisième Cours de Linguistique Générale/Third Course in General Linguistics (1910–1911), d’après les cahiers d’Emile Constantin*. Ed. and trans. E. Komatsu and R. Harris. Oxford: Pergamon, 1993 [1910-1911].